

A delação premiada

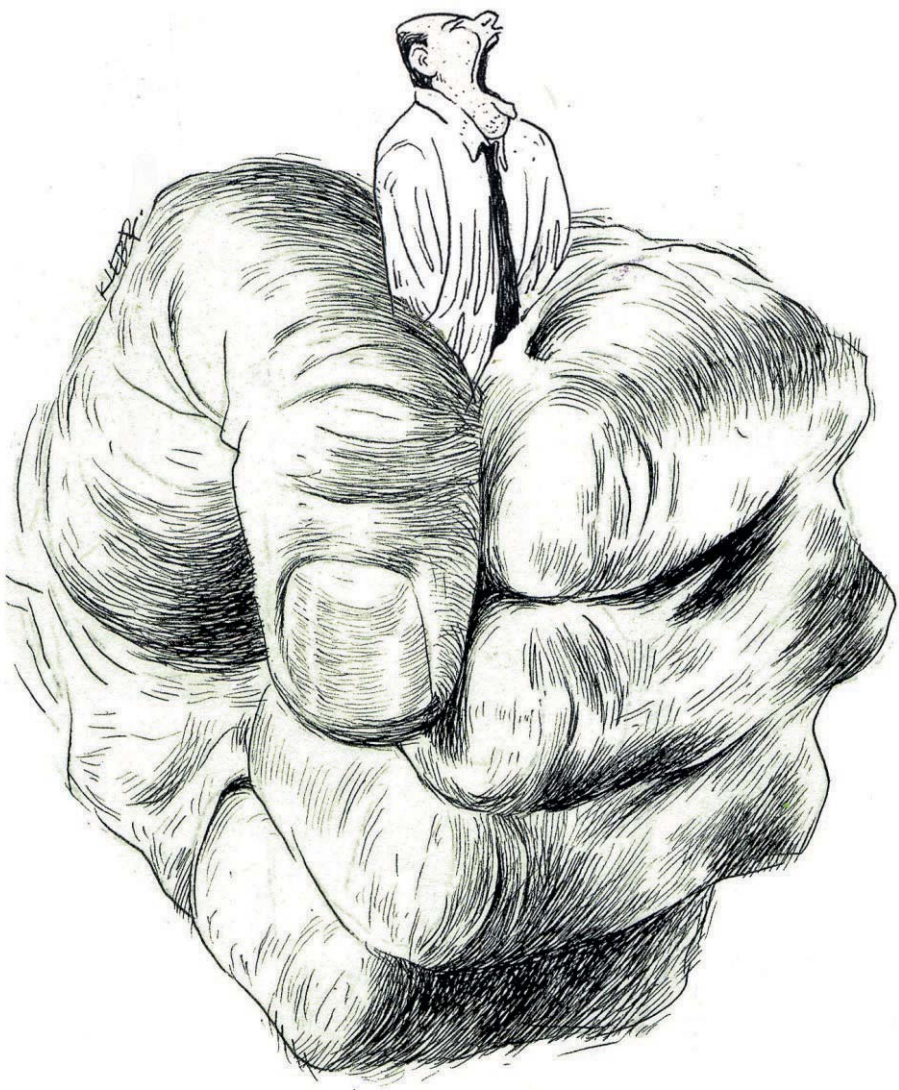
» SACHA CALMON

Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da UFMG, presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) — RJ

A delação sob prêmio existe desde 1999 por força de lei, mas tem sido pouco utilizada. Nos Estados Unidos, é corriqueira. Na verdade, é apenas um incentivo à “rainha” das provas: a confissão. Faz sentido processual e material enorme nos crimes praticados em coautoria (quadrilhas e crimes coletivos de corrupção de empresários e políticos), como esse da Petrobras, que desde 2002, com Lula, tem sido pilhada pelo governo de três modos: empreguismo desbragado, controle artificial de preços e propinas para todo tipo de contratação (o que recomenda a sua privatização ou, quando nada, acordo de acionistas para evitar o controle unilateral da União). As propinas, em parte, a maior parte, são para engordar o caixa dos partidos governistas da base aliada e enriquecer os mais ousados e poderosos, às expensas do patrimônio público.

Paulo Roberto Costa analisou o caso de Marcos Valério e outros no processo do mensalão e procurou resguardar-se e à sua família, também envolvida (a que ponto chegamos). E ponderou: “Que se danem; antes eles do que eu”. Com isso implicou autoridades políticas e a alta gerência da estatal. O caso, no plano do Ministério Público Federal (MPF), poderá se converter no primeiro processo criminal a chegar ao Supremo Tribunal Federal (STF) por meio da delação premiada. “Não creio que haja precedente técnico equivalente”, considera o ministro Gilson Dipp, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), especialista em matéria penal envolvendo crimes financeiros e lavagem de capitais. Antes desse caso, a denúncia de que parlamentares receberam propina para votar favoravelmente ao governo foi feita em 2005 pelo então presidente nacional do PTB, deputado federal Roberto Jefferson, ao jornal *Folha de S.Paulo*. A delação de Paulo Roberto Costa, ao contrário, já foi feita no âmbito de um processo judicial.

A colaboração premiada foi a única saída encontrada pelos advogados de Costa para reduzir a pena severa a que o ex-executivo da petrolífera poderá ser condenado por integrar organização criminoso voltada à aquisição fraudulenta de contratos com a administração federal, e por ser formalmente acusado por delitos de lavagem de dinheiro, evasão de divisas e destruição de provas, de acordo com as denúncias oferecidas por seis procuradores da República que atuam na investigação da Operação Lava-Jato, deflagrada pela Polícia Federal (PF) em março e que identificou, até aquele momento, movimentação financeira irregular de R\$ 10 bilhões. Pode ir até a R\$ 30 bilhões, diz a PF. O doleiro que operava com divisas continua preso, até por motivo de segurança. Para a nação, será uma bênção. Se a PF e o MPF trabalharem instruídos pelo criminoso delator, assistiremos desta vez a toda a imundice em que



chafurda a República petista e seu presidencialismo de coalizão (coalizão para o crime e usufruto da coisa pública).

O ministro do STF Teori Zavascki aprovará o acordo que desnudará todas as falcatruas de políticos, gestores e empresários envolvidos, pois o réu confesso era o diretor que centralizava tudo e fazia as interlocuções entre a diretoria da empresa, os políticos e as empresas conluídas à força ou por vontade própria, o que dá no mesmo, a não ser para determinar a autoria do crime de corrupção ativa. A questão é saber quando o fará. Se for depois das eleições, tenho certeza absoluta de que dezenas de eleitos restarão envolvidos. Se não o fizer, revogará a lei em termos práticos, o que é impensável.

Ocorre que o tempo da política é diferente do tempo jurisdicional. Quisera que o tempo da Justiça fosse mais prestimoso e expedito e que viesse antes das eleições! Em todo caso, a gestão das empresas estatais —

após a sabinagem dos malfeitos criminosos na Petrobras — terá que mudar por completo, e eficazes controles sociais terão que ser criados, sob pena de convivermos com a corrupção para sempre. É certo que a postura dos partidos no poder é relevante, mas a honestidade, por si só, não resolve. Controles jurídicos e sociais, além das agências reguladoras, se fazem imprescindíveis. O principal, para iniciar o processo, contudo, é tirar o PT do poder, fato a esta altura extremamente provável.

Os mineiros devem olhar o governo do PSDB por 12 anos no estado (Aécio e Anastasia). Ao contrário dos governos do PT, especialmente o federal, nenhum escândalo aqui ocorreu. Que seja assim com o Brasil. Não há lugar em Minas Gerais para eleitores no papel de Joaquim Silvério dos Reis, o traidor ao tempo de Tiradentes. Mineiros e brasileiros não só devem tirar o PT do poder como, também, trocar aqui o certo pelo duvidoso, como reza a sabedoria popular.

O futuro é bio

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES

Presidente da Embrapa

“Brasil, economia natural do conhecimento.” Esse é o título de um estudo, realizado pela instituição britânica Demos e pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), sobre a forma como a economia brasileira tende a avançar, aliando a sua base de conhecimentos com os recursos naturais. Lançado em 2008, o trabalho sustenta que o Brasil pode ser um país capaz de desafiar a lógica dominante, segundo a qual as economias baseadas em recursos naturais e aquelas baseadas em conhecimento ocupam extremos opostos do eixo de desenvolvimento econômico.

Extração de petróleo em águas profundas; matriz energética limpa, baseada em hidroeleticidade e bioenergia; agricultura que utiliza práticas sustentáveis inéditas, como tropicalização de cultivos, plantio direto, fixação biológica de nitrogênio, integração lavoura-pecuária-floresta etc. Esses são exemplos do que há de melhor na capacidade inovadora brasileira, combinando a engenhosidade da nossa ciência com a rica base de recursos naturais do nosso país-continente.

Interessante revisitar o tema neste momento em que ganha força a bioeconomia, ramo da atividade humana que promete reunir todos os setores da economia que utilizam recursos biológicos (seres vivos) para oferecer soluções coerentes, eficazes e concretas para grandes desafios, como as mudanças climáticas, a substituição de insussumos de origem fóssil, a segurança alimentar e a saúde da população.

Na verdade, a bioeconomia ganha força e visibilidade porque a sustentabilidade entrou de vez na agenda da sociedade. Em breve, os produtos que consumimos serão certificados não apenas por sua qualidade e segurança. O requisito de mínimo impacto

ambiental será norma em todos os processos de fabricação. Ganhará cada vez mais evidência o conceito de “ciclo de vida” que exigirá atenção não apenas com as boas práticas de produção, mas também com o planejamento do descarte, do reuso ou da reciclagem de todos os componentes do produto, até mesmo embalagens, rolas, rótulos etc. Portanto, o futuro exigirá ênfase na produção de base biológica, com componentes renováveis e de baixo impacto ambiental.

Na base da bioeconomia está a pesquisa em diferentes ramos da biociência, com destaque para a biotecnologia, que o fundador da Microsoft, Bill Gates, descreveu certa feita como o campo do conhecimento humano que desempenha no presente o mesmo papel exercido pela programação de computadores no século 20. Ele argumenta que “se alguém quer mudar o mundo de forma radical, deve começar pelas biomoléculas. Elas precisam do mesmo tipo de entusiasmo que caracterizou os jovens gênios que criaram a indústria dos PCs”.

Verdadeiras revoluções estão acontecendo na biologia, que nos permitem ampliar a compreensão de mecanismos complexos em plantas, animais e microrganismos. E, por causa disso, as indústrias farmacêutica, química, de alimentos, da saúde, da energia e da informação estão se integrando de forma nunca antes imaginada. As fronteiras entre negócios tradicionalmente distintos já desaparecem, criando uma grande convergência na direção do que promete ser a maior indústria do planeta — a bioindústria.

A bioindústria já tem permitido transformar derivados da cana-de-açúcar em garrafas PET, fabricar estofados de carro biodegradáveis, biossensores para monitorar poluição, aplicar biomateriais para reparar

tecido ósseo, desenvolver biofármacos para enfrentar doenças, produzir inimigos naturais para controlar pragas e usar microrganismos para degradar resíduos.

Aviões já realizam os primeiros voos comerciais utilizando bioquerosene como combustível. Empresas brasileiras geram novos produtos, como sabonetes e essências, a partir de nossa extraordinária diversidade biológica. Movimentam, assim, a economia, criando empregos, recompensando as comunidades tradicionais e oferecendo alternativas em um mercado cada vez mais sofisticado.

Na convergência da biologia com outras ciências, surgem projetos inesperados. Na mecânica, agora se estuda o movimento de pássaros, como o beija-flor, em busca de ideias para a criação de aeronaves com propriedades e aerodinâmica inovadoras. A biologia e a nanotecnologia, unidas, buscam construir fibras ultrarresistentes, mimetizando a teia de aranha.

Um campo fértil para o avanço da bioeconomia, no Brasil, é o das biorrefinarias, indústrias capazes de obter da biomassa quase tudo que hoje destilamos do petróleo. Como resultado, em breve veremos grande convergência e sinergia entre setores como agricultura, química, energia e materiais.

Como se vê, o Brasil tem experiência, capacidade e diversidade biológica inigualável para se destacar na nascente bioeconomia. Requer apenas que a infraestrutura de pesquisa e inovação, o ambiente regulatório e os investimentos privados sejam estimulados para que o país alcance o papel de destaque que lhe cabe. Assim, a bioeconomia consolidará a imagem inata do país como economia natural do conhecimento. Não há tempo a perder.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circacunha.df@dabr.com.br

Mais que tomografia no balanço financeiro do país

Preocupados e na ânsia de se apresentarem como melhor alternativa, os principais candidatos da oposição à Presidência da República ainda não se detiveram para um fato de vital importância para o futuro da nação e para o futuro deles próprios, caso ganhem as eleições: a real situação em que se encontra atualmente o Estado brasileiro — as contas públicas, as dívidas interna e externa, os débitos futuros, os rombos, os passivos, as obras paralisadas; enfim, qual a situação de fato da máquina pública neste instante. Diante do que se sabe e do que os economistas têm alertado, o Estado brasileiro está em vias de falir. Para que a consagração nas urnas não se transforme em uma vitória de Pirro, é preciso e urgente que o presidente eleito contrate, antes mesmo de colocar a faixa presidencial, uma auditoria externa e isenta capaz de fazer uma radiografia completa — no nosso caso, melhor seria uma cat scan — do Estado. Nessa devassa das contas públicas, deve ser incluída, ainda, uma análise contábil e séria sobre a saúde financeira do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do BNDES e da Petrobras.

» A frase que foi pronunciada

“Você sabe o que eu sempre digo para mim mesmo? Eu acho que você tem muita sorte na vida se você sabe o que quer fazer.”

Andrew Lloyd Webber

Precursor

» Nascida a nova urna eletrônica pelas mãos do ministro Carlos Velloso, em 1995/1996, quando presidia o TSE. Esclarece o amigo que, convocados técnicos em informática e juristas, a comissão de notáveis foi coordenada pelo físico Paulo Camarão. O interessante é que o trabalho foi desenvolvido graciosamente pela equipe que se dedicou a um passo adiante do mundo. Testada e admirada em outros países.

No Brasil hoje

» País que ainda usa sistema DRE de 1ª Geração que depende do software: Brasil.

Sem dependência do software

» Países que mudaram o sistema de 1ª Geração e passaram a usar sistemas VVPAT de 2ª Geração: Bélgica, Rússia, Índia, EUA, Canadá, México, Venezuela, Peru, Equador, Argentina.

Independentes e auditados

» Países que adotaram ou estão testando sistemas E2E de 3ª Geração: EUA, Israel, Equador, Argentina.

Desvalorizados

» Lixeiros entram em greve. Uma classe invisível quando

funciona e extremamente necessária quando se faz ver pela ausência no trabalho. José Lourenço da Silva, meu amigo, experimentou o inferno que é guiar um caminhão desses. Vomitava sem parar, com dor de cabeça e enjoo. Até que desistiu.

Se os ipês falassem

» Por trás da beleza dos ipês-amarelos que enfeitam a capital do país está uma história real que se encaixa com a vida dos brasileiros. Assim como os ipês, que, desesperados pela falta das chuvas, explodem em flores para deixar que as sementes perpetuem a espécie, os brasileiros deixarão no voto a semente política que querem proliferar para os netos e bisnetos. Obrigada a Andrea Valente, que, com a bela exposição fotográfica de ipês, nos contou a verdade do amarelo.

AD

» Agora lembro as iniciais. Vou prestar mais atenção ao número do candidato que recita até as placas.

Economia já

» Por falar nisso, um candidato jovem conta que, entre os gastos do GDF, que oscilam em torno dos R\$ 300 milhões anuais, grande parte desse recurso é destinada à nova logomarca adotada na programação visual.

» História de Brasília

As telefonistas demoram demais para atender, o serviço de informações está mal, demora e informa errado, e o interurbano sempre demora. Reclamações, por meio do 03, são recebidas, mas não providenciadas, e as contas, sem mecanização, nem sempre conferem com as que estão no Banco do Brasil. (Publicado em 27/7/1961)